
A etnização em produção: reflexões antropológicas sobre trabalhadores-migrantes na Região de Colonização Italiana no Nordeste gaúcho

Anthropological reflections on workers/migrants in an Industrialized egion of Rio Grande do Sul Northeastern

Beatriz Rodrigues Kanaan*

Resumo: A Região Nordeste do Rio Grande do Sul está historicamente ligada ao processo de imigração e colonização italianas, que ocorreu a partir de 1875. Porém, desde meados do século passado, a industrialização nesse território vem desencadeando um novo fluxo migratório causando um expressivo aumento populacional e novas configurações sociais na região. Os acionamentos de uma etnicidade e anterioridade entre os descendentes de imigrantes italianos para a interação com os migrantes recentemente chegados me instigaram no sentido de investigar até que ponto o meio de trabalho contribui para uma etnização específica, diretamente ligada ao *status* e às relações constituídas na organização do trabalho e dos empregos. Essas problematizações colocam em foco as porosidades entre gestões e o contexto mais amplo, partindo do princípio de que as organizações se constroem nas suas fronteiras institucionais, à medida que vão sendo construídas culturas e identidades.

Palavras-chave: Migrações; relações étnicas; trabalho.

Abstract: The Northeastern Region of Rio Grande do Sul is historically connected to the process of immigration and Italian colonization that has occurred since 1875. However, since the middle of the last century, the industrialization in this territory has been promoting a new migratory flow bringing a significant populational increase and new social arrangements in the region. The drives of an ethnicity and anteriority among descendants of Italian immigrants that interact with the newly arrived migrants instigated me to investigate the extent to which the working environment contributes to a specific ethnicization, directly linked to the status and relationships formed in the organization of work and jobs. These problematizations put into focus the porosities between management and the broader context, assuming that organizations are built on their institutional boundaries, as cultures and identities are being constructed.

Keywords: Migration; ethnic relations; work.

* Graduada em História pela Universidade de Caxias do Sul (UCS). Mestre em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Doutoranda em Antropologia Social pela UFRGS. Doutorado “Sanduíche” pela Universidade de Lisboa. *E-mail:* bekanaan@hotmail.com

Introdução

As migrações, nas sociedades modernas, estão estreitamente vinculadas às constantes reorganizações da produção e dos mercados capitalistas, que geram, numa conjunção de fatores inseridos nos fluxos do mundo globalizado, diferentes níveis de crescimento econômico, desencadeando desequilíbrios entre regiões. A produção de mudanças na distribuição de recursos, quando é suficiente para criar um abalo local ou regional, marcando desigualdades em relação ao todo, é capaz de levar os indivíduos à decisão de buscar um “nicho ecológico” mais favorável. (LOMNITZ, 1975). Isto é, a falta de trabalho em uma localidade leva sujeitos a buscarem-no em outra, onde o mercado ofereça demanda.

O trabalho, portanto, é um fator importante na produção e no condicionamento das migrações, assim como na forma de inserção dos migrantes na nova sociedade. Nesse sentido, migração e trabalho estão estreitamente vinculados, levando Sayad (1998) a considerar trabalho e imigração como sinônimos e a ressaltar que é o trabalho que faz “nascer” o imigrante. (SAYAD, 1998, p. 55). Esses são os fluxos migratórios entre zonas de expulsão e zonas de atração de força de trabalho, por onde transitam sujeitos que vivenciam rupturas, resistências e adequações, conjugando suas próprias motivações, necessidades e desejos a conjunturas sociais, econômicas e históricas.

O processo de industrialização que ocorreu no Rio Grande do Sul, em meados do século XX, imprimiu grandes desigualdades internas e gerou novas regionalizações no interior do estado. As relações de força que compunham as políticas do Rio Grande do Sul, que contava com a supremacia da elite agropecuária, representada pelos latifundiários, vão, paulatinamente, cedendo lugar a novos grupos que ascendiam econômica e politicamente. Essas transformações estão relacionadas às iniciativas de empresários da Região de Colonização Italiana (RCI), os quais se alinharam às políticas econômicas do governo federal, investindo na industrialização, que trouxe grande desenvolvimento e visibilidade ao Nordeste do estado.

Os pequenos municípios da região, com população predominantemente rural, organizados em pequenas propriedades em regime de trabalho familiar, ainda vivendo valores vinculados à terra, rapidamente se transformaram em modernos centros urbanos industrializados. A Região Nordeste tornou-se um verdadeiro núcleo atrativo, catalisador do mercado e da força de trabalho, criando canais por onde se deslocam sujeitos provenientes de lugares com atividades agropecuárias empobrecidos. Esse segundo fluxo colocou em

interação sujeitos de grupos até então em relativo afastamento geográfico e histórico, caracterizando aquilo que Hall (2003) chamou de “zona de contato”, ou seja, aquele contexto em que passam a conviver sujeitos anteriormente isolados.

Migrantes em terra de imigrantes

Os estudos sobre migrações revelam que há uma tendência entre os habitantes mais antigos de uma localidade de considerar como migrantes somente os que chegam por último. No caso de Farroupilha, cabe repetir a pergunta feita por Delgado (2003) em seu estudo sobre imigrantes na Espanha: “Afiml, quem é imigrante na cidade?”. A pergunta vem no sentido de demonstrar o quanto a classificação é volátil e acaba revelando estruturas de subordinação que diferem e desigualam os recém-chegados. Essa dinâmica revela a constituição de relações de poder que coloca à disposição possibilidades para a manutenção do controle sobre os meios materiais e imateriais de reprodução social.

Os descendentes de imigrantes italianos, alicerçados na situação econômica de sua elite empresarial, na sua anterioridade e no sentimento de pertencimento comum, recebem os recém-chegados em situação de presumida superioridade, configurando relações de poder muito similares à paradigmática *Winston Parva*, de Norbert Elias (2000). Os descendentes dos colonizadores consideram-se naturais do lugar e, como *estabelecidos*, dirigem-se aos recém-chegados considerando-os pessoas “de fora”, *outsiders*. Os recém-chegados, em busca de melhoria nas condições de vida, se dirigem à região industrializada, que teve origem num grupo de imigrantes que, por sua vez, há cerca de cem anos, também migrou, com as mesmas motivações. Assim sendo, os novos migrantes chegam para trabalhar nas fábricas daqueles que, anteriormente, na condição de migrantes e pobres como eles, há um século, emigraram e hoje são seus patrões.

Os imigrantes italianos que colonizaram a região foram, inicialmente, inferiorizados pelos sujeitos dos grupos do entorno, que, identificados com os valores da aristocracia rural, viram, nos imigrantes, agricultores pobres e estrangeiros. Com a ascensão econômica proporcionada pelo crescimento comercial, os imigrantes e descendentes buscam agregar valor simbólico, tomando elementos da cultura gaúcha, para reivindicar – naquele contexto – uma identidade hifenizada, ítalo-gaúcha. Hoje, os setores latifundiários veem-se decadentes, ao mesmo tempo que as áreas coloniais de descendentes de imigrantes italianos vão tomando posições econômicas e políticas de importância.

Nesse contexto contemporâneo, os descendentes de italianos passaram a utilizar a “ascensão econômica como fato promovedor da categorização do imigrante italiano como empreendedor, trabalhador e civilizador”. (ZANINI, 2007, s/p).

A noção de pertencimento comum à imigração italiana, positivada e valorizada nesse contexto próspero, se constrói na ideia de pioneirismo na ocupação e transformação do território delimitado às primeiras colônias agrícolas, hoje próspero e modernizado, vindo a constituir o que pode ser considerado um território étnico. Haja vista que os novos migrantes, sem que tenham atravessado qualquer fronteira política ou geográfica concreta, passem a ser vistos como “estrangeiros” em seu próprio país, sendo assim denominados *brasileiros*, *pretos* ou *pelos-duros* – dentre outras denominações – nesse “pedaço de Europa” situado no Sul do Brasil.

O enaltecimento da identidade italiana encontra-se em completa oposição ao *caráter indolente* com que identificam os recém-chegados. Esses, hoje, ao migrarem para esses territórios, são incluídos como indivíduos *de fora* e vistos como aqueles que não possuem as mesmas condutas valorizadas entre eles e a partir das quais foi possível o desenvolvimento econômico da região. Dentre as características acionadas na constituição das fronteiras entre *italianos* e os *de fora*, o trabalho é o elemento diacrítico central reivindicado entre eles para se diferenciarem.

É nesse contexto do processo de industrialização, que, pela demanda de trabalho fabril, coloca em contato sujeitos com distintas trajetórias históricas, que passo a refletir sobre as relações étnicas observadas entre os trabalhadores na interface das relações de trabalho. Quero, antes, ressaltar minha postura não essencialista à noção de etnicidade, o que significa dizer que considero o acionamento da etnicidade por parte dos envolvidos como modos de organização social que remetem à ideia de uma origem comum e que não pode ser desvinculada do contexto de suas interações. Ainda devo salientar que a identidade étnica é apenas uma faceta, entre muitas outras, da identidade desses sujeitos. Não pressupondo a substância da identidade étnica, essa pesquisa se atém à etnicidade devido à presença desta como referencial dominante nas relações entre os sujeitos dos diferentes fluxos migratórios.

Partindo do pressuposto de que as interações entre os participantes da fábrica comportam elementos que transcendem a esfera burocrática, considero a importância de observá-los em suas vivências laborais cotidianas para além dos limites da sua estrutura formal, definida no organograma

funcional. Procuo refletir sobre de que forma a reorganização do tecido produtivo, nas especificidades locais, está entrelaçada às noções étnicas, que não só distinguem os trabalhadores dentro da fábrica como organizam a coletividade em outras esferas da vida social.

As reflexões antropológicas deste estudo estão baseadas em pesquisa etnográfica que venho realizando desde 2006, em um bairro operário na cidade de Farroupilha.¹ Em 2009, passei a investigar o cotidiano dos trabalhadores, inserida em uma fábrica de calçados de médio porte, localizada nesse mesmo bairro. A longa convivência com os moradores e trabalhadores permitiu muitas conversas informais, a participação em eventos festivos e nas dinâmicas cotidianas do trabalho e da vida doméstica e contribuiu para observar os observados sob a observação uns dos outros. (GOFFMAN, 2005).

Na pesquisa etnográfica, durante o trabalho de campo, as técnicas de coleta de dados se interpenetram, tornando-se necessária a busca de elementos em outras fontes, para que se pudesse melhor compor um quadro do nosso objeto. É importante dar atenção ao fato de que o pesquisador, nessa interação com os investigados, é parte da própria pesquisa, pois o observador colhe dados na relação *face a face* com os observados, participando da vida deles no seu cenário de relações sociais. “Assim, o observador é parte do contexto sob observação, ao mesmo tempo, modificando e sendo modificado por este contexto.” (CICOUREL, 1990, p. 89). É a partir daí que observo a presença de trabalhadores migrantes das regiões empobrecidas do estado nesse território colonizado inicialmente por imigrantes italianos, a reconfigurar as relações sociais nessa coletividade que se reorganiza em torno do novo modo de trabalho.

A indústria em Farroupilha

O processo de industrialização no Município de Farroupilha está oficializado na inauguração do Primeiro Distrito Industrial do Rio Grande do Sul, em 1971, que, às vezes, é, por alguns moradores, chamado a “nossa Revolução Industrial”. As políticas econômicas municipais vieram se vincular à já avançada industrialização da região, que teve início no Município de Caxias do Sul, quando, décadas antes, os empresários locais alinharam-se às políticas de desenvolvimento estimuladas pelo governo de Juscelino Kubitschek, as quais, ao abrirem a economia nacional ao capital internacional, possibilitaram grandes investimentos no setor industrial.

Nessa etapa Caxias expande sua economia, tendo como investimentos a modernização da sua indústria através da ampliação da planta de suas unidades produtivas e da importação de equipamentos modernos em todos os ramos industriais, utilizando a política de incentivos fiscais que fora criada. (HERÉDIA, s/d, s/p).

Foi, portanto, no bojo desse movimento empreendido na cidade de Caxias do Sul que o Primeiro Distrito Industrial (Farroupilha), criado pela Lei Municipal 810/1969, assinada pelo então prefeito Avelino Maggione, procurou atrair indústrias para o município. Um farroupilhense, que na época era vereador, elucida o contexto:

Eu participei do início do processo... não por uma visão de futuro ou coisa parecida, a minha preocupação era imediata. Eu via os meus amigos. Eu estava empregado em Farroupilha. Todavia, meus amigos, quando chegava a hora de trabalhar, tinham que ir embora de Farroupilha: Porto Alegre, Novo Hamburgo, São Leopoldo, Caxias, porque nós não tínhamos uma base industrial que absorvesse a mão de obra local. [...] Quando o prefeito me chamou pra saber o que eu achava do projeto de industrialização dele, que embasado num anterior ele faria um distrito novo, planejado, o primeiro do Rio Grande do Sul, eu disse: Prefeito, pode contar comigo e com minha bancada, afinal é para Farroupilha desenvolver, Gerar emprego e renda. (Ex-prefeito e ex-vereador do município, natural de Farroupilha e descendente de imigrantes italianos, em entrevista gravada em 2007).

Inicialmente, três grandes indústrias atenderam ao chamado do Município de Farroupilha e mudaram suas bases de operação para essa cidade. Logo, somaram-se a essas indústrias muitas outras, bem como se desenvolveram empresas locais que tiveram grande crescimento. Decorre que a mão de obra necessária para o crescente sucesso dos empreendimentos, inicialmente local, recrutada entre os moradores da região, foi insuficiente, levando empresários e administradores municipais a buscarem trabalhadores em outras regiões não industrializadas do estado.

As especificidades da formação de mão de obra na industrialização local

Os primeiros operários a atender à demanda das fábricas de Farroupilha foram os moradores da região rural do próprio município, descendentes de imigrantes italianos, empobrecidos devido ao fracionamento dos lotes entre herdeiros da terceira geração. Nesse período, muitos filhos de agricultores deixaram as colônias e foram morar na cidade, onde passaram a trabalhar nas fábricas.

Muitas vezes, no entanto, devido à proximidade geográfica do meio rural com o meio urbano, o trabalhador fabril permaneceu residindo nas áreas rurais, associando o trabalho assalariado das fábricas ao trabalho agrário nas pequenas propriedades familiares, onde a atividade agrícola era exercida após o período de trabalho na fábrica. Ainda hoje, se encontram esses “colonos-operários”² entre os trabalhadores assalariados da indústria, inseridos nas novas formas de produção sem se desvincularem do ambiente rural.

Outra alternativa encontrada pelos empreendedores para o recrutamento da força de trabalho demandada pelo crescimento industrial foi buscar trabalhadores entre moradores de cidades bem próximas de Farroupilha. Aos empregados, eram fornecidos transporte e alimentação, caracterizando-se em um deslocamento pendular diário, visto que os trabalhadores saíam diariamente de Alto Feliz, Feliz, Bom Princípio, São Vendelino. Esses municípios vizinhos foram colonizados por imigrantes alemães décadas antes da chegada dos imigrantes italianos na região. Desses trabalhadores, a maioria é descendente de imigrantes alemães, e muitos se radicaram na cidade onde moram e trabalham até hoje. Isabel, uma costureira da fábrica de calçados, hoje aposentada, lembra que, antes de ir morar em Farroupilha,

a firma mandava um ônibus até lá que trazia a gente no início do turno e quando largava nos levava de volta. Até que cansei e resolvi me mudar de vez para cá. (Isabel, costureira aposentada, nascida em Feliz, reside em Farroupilha desde 1983).

O sucesso dos empreendimentos gerou uma demanda de mão de obra bem maior que a capacidade de absorção desses trabalhadores. Foi, então, necessário dirigir-se a outras localidades mais distantes. Dessa forma, às primeiras medidas – como as de empregar agricultores e transportar os operários de cidades próximas – foram logo somadas outras mais abrangentes, quando os empresários lançaram mão de estratégias (como anúncios em

rádios e na imprensa escrita), sobre a abundante oferta de trabalho, diante da demanda originada pelas novas unidades industriais. Os relatos acerca do progresso local, sobre a grande oferta de emprego e os bons salários aí oferecidos permeavam – e ainda permeiam – a ideia de uma terra de riquezas e oportunidades, motivando sujeitos, em situação de desemprego ou subemprego, a migrarem de suas cidades de origem, em busca de uma nova vida na Região Nordeste do Rio Grande do Sul.

Outra forma de sensibilizar trabalhadores das regiões empobrecidas e atraí-los para o trabalho fabril em Farroupilha foi o envio de propagandistas ou recrutadores. Esses eram “funcionários” que as empresas enviavam até as localidades sabidamente carentes de oferta de trabalho, para alardear e, às vezes, até mesmo contratar para as inúmeras oportunidades e ofertas de emprego na Região Nordeste e, assim, atrair trabalhadores. Alguns migrantes ainda se lembram desses recrutadores circulando pelas ruas da sua cidade de origem, em caminhões, anunciando com megafones e com distribuição de panfletos informativos as oportunidades que a cidade de Farroupilha oferecia. Fábio, 65 anos, antigo migrante que há 37 anos mudou-se de Alpestre, para trabalhar na cidade em uma fábrica de embalagens, recorda:

Eles iam lá em Alpestre [cidade do norte do RS] de caminhão... Sabe esses caminhões que hoje em dia passam vendendo abacaxi?! Pois é igual. Passavam dizendo que tinha vaga em tais e tais empresas em tais e tais setores. Davam um santinho (risos) pra aqueles que pensavam em sair daquela miséria. Outros, mais decididos, já conversavam ali mesmo com o cara do caminhão e, tipo, nem voltava pra casa, já saía dali empregado. (Supervisor de setor, natural de Alpestre, reside em Farroupilha desde 1989).

Esse fluxo migratório que teve início nos anos 70 (séc. XX) perdura, ainda que com menor intensidade, até os dias de hoje. Os administradores públicos de Farroupilha estimam que mais de 45 mil pessoas migraram para a cidade nos últimos 45 anos. Uma pesquisa realizada pela Secretaria Municipal de Educação do município, em 2007, constatou que entre os 3.523 alunos entrevistados nas escolas municipais, 32% são nascidos em Farroupilha, e os outros 68% dos estudantes confirmaram não terem nascido na cidade. Ou seja, os dados quantificam os muitos trabalhadores que saíram de sua cidade natal, da Região da Campanha, das Missões, do Planalto, da Zona Sul, há 30, 20, 10, 5 anos. Outros estão chegando. A todo

momento, os migrantes ainda estão chegando. De caminhão, ônibus, de condução própria ou de carona, chegam a Farroupilha atrás de um emprego/trabalho, de uma nova vida, de uma vida melhor.

Devo ressaltar que o mapeamento da temporalidade dos fluxos, certamente, é bem mais complexo e pouco linear. Ainda hoje, migram para Farroupilha sujeitos provenientes das colônias, assim como descendentes de imigrantes alemães. No entanto, há uma nítida predominância cronológica na chegada dos trabalhadores de diferentes localidades, como procurei expor até aqui. Assim, os primeiros trabalhadores fabris, como os empresários que impulsionaram a indústria local, são predominantemente aqueles que nasceram na região. Com o sucesso dos empreendimentos, eles buscam mão de obra entre os moradores de cidades circunvizinhas, vinculadas à imigração e à colonização alemã. A seguir, o contínuo crescimento econômico expande a procura de trabalhadores em outras regiões menos próximas e sabidamente carentes de empregos. Justapostos, interpostos ou sobrepostos aos diferentes fluxos que contribuíram para a formação do mundo do trabalho fabril na cidade de Farroupilha, é possível identificar diferentes sentimentos de pertencimento, através dos quais os sujeitos se reconhecem e se diferenciam.

O campo fabril

Hoje a cidade conta com 739 unidades industriais, dentre elas indústrias metalúrgicas, coureiro-calçadistas, moveleiras, têxteis, de papel e embalagens e de vinhos e sucos. A diversidade do setor compõe um campo econômico (BOURDIEU, 2005) no qual as fábricas, dependendo do seu capital, geram efeitos potenciais que controlam fatias do mercado, levando-as a ocuparem uma determinada situação no campo constituído. Isto é, a tecnologia utilizada, o tipo de bem produzido e os salários oferecidos são fatores que geram uma escala de valor, dispendo cada ramo industrial e cada fábrica, em determinada situação, em relação ao campo econômico constituído, como uma “constelação relacional” na qual o “peso associado a um agente depende de todos os outros pontos e das relações entre todos os pontos”. (BOURDIEU, 2005, p. 24). Diante desse quadro, o capital econômico e simbólico do setor calçadista, em relação às outras indústrias que constituem o campo econômico da região, é considerado de menor valor.

A indústria de calçados é uma atividade com menor complexidade tecnológica que produz a partir de matérias-primas de baixo custo; oferece

postos de trabalho em que as tarefas são quase artesanais e pelas quais paga relativamente baixos salários. Na escala hierárquica gerada por esses indicadores, na Região Nordeste do Rio Grande do Sul, a indústria metalúrgica é considerada o *top* das indústrias por ser aquela que absorve mão de obra com taxa de escolaridade mais alta, que exige maior qualificação entre os trabalhadores e que impõe menor intensidade no ritmo de trabalho. Na outra ponta, estaria, comparativamente, a indústria calçadista.³

É importante ressaltar que o sistema de esteiras e a introdução da cadeia de montagem de calçados proporcionaram a fragmentação e a simplificação expressiva das tarefas a serem executadas pelos trabalhadores, permitindo a absorção de operários sem nenhum tipo de treinamento profissional prévio. Dessa forma, os migrantes recém-chegados de regiões não industrializadas e sem experiência em trabalho fabril encontram facilmente postos para trabalhar.

Os postos de trabalho aos recém-chegados

Uma das tarefas mais simples e menos valorizadas no processo do fabrico de calçados é a atividade de passar cola. O relato dos funcionários em geral traz essa atividade para falar do que faziam quando iniciaram a trabalhar no setor calçadista. Trata-se de um ícone acionado para se referirem ao posto de trabalho de menor *status* profissional, o mais baixo na hierarquia das habilidades dos trabalhadores e de um marco que assinala, aos que já não estão mais nessa tarefa, a competência que permitiu a trajetória ascendente dentro da indústria calçadista. Como relata uma costureira, proveniente de Feliz há 20 anos trabalhando no ramo.

Quando me chamaram pra trabalhar, eu pensei: tomara que não me coloquem a colar sapato. Pois foi exatamente o que me botaram a fazer! Ai comecei a me esforçar, ficava vendo como é que faziam. Ai, quando chegava meio-dia, hora que todos saíam para o almoço, eu pedia para a supervisora da costura pra ficar na máquina. Ela me dava as dicas, e eu ficava ali, pra aprender. Um dia ela se deu conta que eu queria mesmo e que já dominava a costura, me passou pra máquina. (Operadora do setor de costura, nascida em Feliz, reside em Farroupilha desde 1989).

A técnica, o *modus operandi*, é, como se pode ver, transmitida na prática. É pela observação de um trabalhador mais experiente que o recém-

chegado aprende a fazer a tarefa. E isso não é um fato que se restringe aos fazeres mais simples. Os trabalhadores que operam as máquinas também relatam que aprenderam a partir de observação.

Eu comecei passando cola, mas aí, curioso que sempre fui, chegava na hora do almoço eu ficava fuçando aqui e ali. Quando o técnico desta máquina vinha fazer a manutenção, eu grudava nele e ficava vendo como ele fazia pra ela funcionar. Daí comecei eu a fazer, foi assim que aprendi, fazendo. Daí, quando precisaram substituir o funcionário que operava nela, eu já estava por dentro, peguei o lugar. Hoje, só eu e outro colega sabemos mexer com isto. (Operador de máquina, nascido em Santa Maria, reside em Farroupilha desde 1989).

O ramo de calçados é a principal porta de entrada para o mercado de trabalho fabril. Alguns trabalhadores procuram, a partir da admissão na fábrica, buscar qualificação, fato que, além de melhorar as condições de trabalho e proporcionar maiores salários – objetivos traçados na iniciativa da migração – lhes proporciona identidade profissional e valor simbólico.

Os trabalhadores mais antigos e as atividades mais complexas

Enquanto os recém-chegados ocupam os postos de trabalho mais simples, os funcionários que hoje exercerem tarefas mais complexas são aqueles que já estão no universo do trabalho calçadista há mais tempo e chegaram à fábrica pesquisada através de uma rede que se estabelece entre os próprios trabalhadores. A admissão desses sujeitos se dá por referências anteriores, pelo fato de terem se conhecido em outros empregos, em outras fábricas, reconhecendo o “perfil de trabalho” uns dos outros. E., operária do setor de costura, conta que foi admitida na fábrica porque já conhecia D., a supervisora do setor.

Nós nos conhecemos num atelier de costura que montava tênis pra uma grande fábrica daqui. Isso anos atrás! [Diz ela estalando os dedos das mãos para expressar muito tempo.] Ela sabia o meu jeito para trabalhar. E eu sabia que é bom trabalhar com ela. Por isso, eu vim até aqui, e ela me conhecendo de lá, já sabia como eu sou no serviço. (Operária do setor de costura, nascida em Farroupilha).

Isso ocorre mais frequentemente nos níveis mais elevados da hierarquia das empresas, ou entre operários qualificados, profissionalizados. Esses trabalhadores estão no ramo de calçados há mais tempo e vivenciaram o início do processo de industrialização do setor, quando se deu a passagem do trabalho em ateliês e nas manufaturas de sapatos, nos quais ainda não havia acentuada divisão de tarefas, para o trabalho altamente fragmentado e organizado das gestões administrativas das indústrias atuais. Nessa transição, há uma grande fluidez na formação de novas empresas, isto é, muitos trabalhadores foram colegas de trabalho dos seus patrões, e, às vezes, até mesmo ocuparam cargos de chefia referentemente aos atuais patrões.⁴

Essa circulação proporciona uma rede de trabalho, através da qual os sujeitos se reconhecem por suas capacidades para o trabalho, a qual se mostra fortemente assentada na ideia de pertencimento étnico, uma vez que os primeiros trabalhadores, e hoje mais preparados para as atividades, são descendentes de imigrantes italianos. Esse fato leva-os a reforçarem a ideia de uma superioridade diante do trabalho dos trabalhadores recém-chegados.

G. migrou para Farroupilha na década de 90 (séc. XX) e está na Compax há três anos. Ela conta que já trabalhava com sapatos há 13 anos quando soube, através da secretária da empresa, que havia uma vaga na fábrica, e ela, então, deixou lá o currículo. O gerente de produção da fábrica já conhecia o trabalho dela, ele tinha sido seu chefe na outra fábrica e, por isso foi admitida na hora.

Eu trabalho aqui já vai fazer um ano. Vim a convite do I., o gerente de produção. Ele já me conhecia lá da outra empresa. A gente trabalhava na mesma firma. Ai a gente já sabia o perfil de trabalho de cada um. Ai ele soube que eu estava desempregada e foi até a minha casa e me ofereceu pra trabalhar aqui. Como eu me dava bem com ele lá e estava parada, eu aceitei. (Operadora do setor de costura, nascida em Lagoa Vermelha, reside em Farroupilha desde 1990).

Os critérios referidos pelas chefias da fábrica não só dizem respeito à capacidade para desenvolver as tarefas; os trabalhadores, para serem admitidos e se manterem em seus empregos, além da óbvia competência profissional, devem assimilar comportamentos que passam pelas normas da organização e são as regras do lugar. Segundo uma supervisora da fábrica,

o bom funcionário não chega atrasado, não falta ao trabalho, não fica botando atestado. Tem funcionário aí que chega a pedir oito dias de atestado! E ainda chega aqui pensando que domingo não vale. O que é isso? Se fazem de bobos?! O bom funcionário é aquele que tem vontade de trabalhar, não é visto por aí vadiando pelas ruas. (Gerente de produção, nascido em Bom Princípio, reside em Farroupilha desde 1980).

Como também observaram Dyck e Archetti (ao falarem que as socialidades constituídas através do esporte e da dança envolvem mais que a propagação de categorias cognitivas), os operários da Compax vão recebendo instruções e percebendo que as atitudes corporais adequadas não se relacionam somente à eficácia da tarefa em si, mas devem também observar comportamentos morais. (DICK; ARCHETTI, 2003). Assim, o bom operário, na concepção dos funcionários da fábrica, é aquele que, além de saber executar suas atividades, assume comportamentos e atitudes esperadas e exigidas pelos gestores da organização e pelo *ethos* local. Além das habilidades, os trabalhadores se alinham em torno de sensibilidades exigidas no contexto fabril, que, certamente, extrapolam as paredes da fábrica.

A etnicidade das relações de trabalho

Parto da afirmação de Cavedon de que “as organizações constituem redes de significações que circulam dentro e fora do espaço organizacional, sendo, simultaneamente, ambíguas, contraditórias, complementares, díspares e análogas implicando ressemantizações que revelam a homogeneidade e a heterogeneidade dos ambientes de trabalho” (2005, p. 33-34), para pensar os acionamentos étnicos entre os trabalhadores da indústria como fluxos que atravessam e informam mutuamente os locais de trabalho e a sociedade de maneira mais ampla.

A admissão nesses postos de atividades simples é praticamente imediata, na chegada dos migrantes e, por isso, sou levada a pensar que os novos migrantes se inserem no ambiente de trabalho antes mesmo de se familiarizarem com as dinâmicas da cidade. Isso foi ainda mais incisivo nos momentos iniciais desse fluxo, quando, nas décadas de 70 e 80 (séc. XX), os migrantes eram empregados mesmo antes de chegarem a Farroupilha. Por isso, não se pode compreender as dinâmicas da cidade, as práticas de socialidade entre os moradores sem examinar as relações de trabalho na organização fabril. A fábrica é a porta de entrada desses sujeitos em

Farroupilha. E se, como já foi anteriormente comentado, o lugar destinado ao migrante é o trabalho, é aí que ele deve ser visto e é através da sua atuação na fábrica que ele se constitui como trabalhador na nova sociedade.

Assim sendo, é impossível uma delimitação de fronteiras entre práticas, discursos e ideologias vivenciados pelos trabalhadores no processo de inserção no trabalho e na reorganização em outras dimensões da vida. Como ressalta Durão (2006), as organizações se constroem nas suas fronteiras institucionais e organizacionais, à medida que vão sendo construídas culturas e identidades. Portanto, procuro olhar para as contribuições que o mundo do trabalho traz para a etnicidade observada nas relações sociais entre os sujeitos dos distintos fluxos migratórios.

Logo nas primeiras visitas que fiz à fábrica, evidenciou-se a constituição de um contexto de intensa negociação étnica, quando o diretor-proprietário esclareceu sobre a sua estruturação organizacional. Um organograma na tela do computador orientava as suas explicações sobre a distribuição das tarefas em setores específicos, vinculando a qualificação das atividades às diferentes origens dos trabalhadores. Assim, compreendi que o empresário entendia seus empregados a partir de certas categorias, que não se restringiam ao fato de portarem habilidades necessárias a cada atividade. Havia, entre outros elementos, uma noção *de origem*, atribuída a si próprio e aos funcionários, que se encaixava no seu discurso e que contribuía para ele pensar, a partir daí, a organização da sua empresa.

Eu nasci nas colônias, filho de agricultores pobres. Minha casa era de chão batido. [Diz apontando para uma fotografia da casa em que nasceu e que está pendurada na parede, atrás dele.] Fui saber o que era calçar um sapato aos oito anos de idade quando fiz a primeira comunhão. Hoje sou dono de tudo isto [fala abrindo amplamente os braços], a terceira maior de Farroupilha! Eu trabalhei muito para chegar onde estou. E olha que foi só trabalho, porque nem a escola eu terminei, fui só até a 5ª série. Mas isso a gente traz no sangue, essa vontade de trabalhar, de vencer. Coisa dos italianos. (Proprietário-fundador da indústria. Nascido na zona rural de Farroupilha).

A narrativa do dono da indústria reatualiza a ideia do mito do fundador, hoje muito difundida para compor noções de empreendedorismo, vinculando a sua origem à origem da empresa. De maneira muito similar ao discurso que circula nos meios acadêmicos e empresariais sobre o capitalismo

contemporâneo, ele se reporta a si mesmo como alguém que “começou do nada e graças ao seu esforço, dedicação, inteligência e perseverança, conseguiu colocar a organização no mais alto patamar”. (CAVEDON, 2005, p. 133).

No caso dos empresários bem-sucedidos da região de imigração italiana, esse mito se reveste de elementos étnicos. Os descendentes de imigrantes italianos na cidade de Farroupilha industrializada, ao transformar o “heroico civilizador” em “descendente de imigrante grande empreendedor”, ressignificam sua identidade e reatualizam o mito do colono. Para isso, buscam nos antepassados comportamentos e valores exemplares, como o culto ao trabalho, para nortear suas condutas no cenário em transformação. Como evidencia Mocellin (1993), a formulação moderna do mito está associada à urbanização e industrialização da região a partir dos anos 70 (séc. XX). A autora explica que “as transformações ocorridas dentro de uma ordem cultural instituída como tradicional da cultura italiana estão relacionadas com as novas significações de italianidade, que são produzidas dentro desta nova versão moderna de concebê-la”. (MOCELLIN, 1993, p. 269). Através do discurso e das evidências materiais do progresso alcançado, os descendentes se afirmam diante dos grupos regionais e nacionais como sujeitos detentores de atributos inerentes à sua origem, como o empreendedorismo e o impulso ao trabalho.

Muitos empresários, informados por um discurso hegemônico que coloca valores e dispositivos éticos e morais como sistemas dominantes, legitimam seu poder no fato de constituir um modelo moral diante de seus empregados. Esses valores se direcionam, predominantemente, a ações relacionadas ao trabalho e ao empreendedorismo e remetem à falta desses mesmos atributos nos trabalhadores, que, na grande maioria, são migrantes recentes. O dono da empresa relata que construiu a fábrica

neste bairro para empregar os moradores daqui mesmo. Assim, eu economizaria com transporte e refeição. O problema é que aqui, no bairro, o pessoal é todo “de fora”, além de virem sem qualificação nenhuma pra trabalhar, quero dizer, não tem essa coisa que nós, os italianos, temos de trabalhar. (Proprietário-fundador da indústria. Nascido na zona rural de Farroupilha).

Da mesma forma, frequentemente, evidenciei funcionários administrativos e de gerências manejando os estereótipos construídos acerca dos trabalhadores recém-chegados. O fato de estarem ocupando setores

menos qualificados da fábrica faz com que sejam identificados como preguiçosos, sem persistência para o trabalho, pessoas de pouca disciplina, entre outras coisas. O *designer* da empresa os identifica diferenciando-os:

Eles, os de fora, não são como nós. Podendo, estão trazendo atestado, matam até a mãe pra faltar. Mentem. Nós, italianos, nascemos pra trabalhar, com vontade de vencer. Está no nosso sangue. Tu podes ver (mostra no organograma) estes setores, como o CPC, a administração, finanças... Estes são setores que precisa gente de confiança, gente de trabalho. Depois pega lá com a administração e vê como não estou te mentindo. Os mais antigos na casa, os que pegam junto, são tudo descendente de italianos. (Designer da indústria, nascido em Farroupilha, admitido em setembro de 2001).⁵

O supervisor-geral da esteira, sem fugir da mesma noção negativa em relação aos recém-chegados, diz que entre seus operadores não faz distinção quanto à origem. “*Eu não me importo em admitir os ‘de fora’.* Eles, às vezes, até são melhores que os outros, porque pelo fato de estarem chegando e querendo dar certo *viram bons trabalhadores.*”⁶ (Supervisor do setor de esteira, nascido em Farroupilha, admitido em junho de 2008).

Entre os cargos de chefia, pude observar alguns sendo ocupados por sujeitos não descendentes de imigrantes italianos, porém igualmente valorizados pelo zelo com o trabalho e por estarem vinculados à imigração alemã. Como observou Seiferth (1993), entre os colonos do Sul do Brasil, a ideia de uma origem comum repousa mais fortemente no fato de ter um antepassado imigrante, não importando se esse foi italiano ou alemão, sendo, entre eles, o colono, a categoria de autoatribuição. (SEIFERTH, 1993, p. 53).

O gerente de produção da fábrica trabalha há 35 anos no ramo de calçados. Começou a atividade em uma grande indústria que já existiu em Farroupilha. Ele enfatiza, com orgulho, sua ascendência no trabalho e atribui à sua descendência de imigrantes alemães. Junto a isso, ele procura elementos que lhe confirmam distinção em comparação aos descendentes de italianos, dizendo:

Nós, os alemães, viemos com mais cultura, mais educação que os italianos. Todas as famílias dos nossos se preocuparam em trazer junto professores. Desde pequenos, aprendemos música, lemos poesias. Eu, por exemplo, sei tocar violão... Os italianos não se importam com

essas coisas. No que aprendem a fazer contas, já podem sair do colégio. Eles só querem aprender a fazer contas pra ganhar dinheiro! [Diz ele rindo.] (Gerente de produção, nascido em Bom Princípio, reside em Farroupilha desde 1982).

Por outro lado, os trabalhadores recém-chegados referem surpresa ao terem de responder por uma identidade étnica até então não pensada por eles. É a esse contexto social e a partir desses jogos simbólicos que os novos migrantes, atraídos pela oferta de trabalho, são chamados a se inserir, a se autorreconhecer e a referendar um amplo repertório de qualidades morais da italianidade e do bom trabalhador.

Eles dizem que a gente é brasileiro, como se eles não fossem! Nasceram aonde? Na Itália? Não que eu saiba. Ficam falando que a gente não trabalha. Trabalha sim e muito. Nunca faltei, a não ser quando meu filho foi hospitalizado. Chego sempre antes do sinal. E nestes dias, ainda tenho ficado aqui ao meio-dia pra poder chegar o final do dia e ter acabado tudo. E quando chego em casa, diferente deles [ela está se referindo ao pessoal da chefia] tenho que cuidar de tudo. Não tenho quem me ajude no serviço da casa. Aqui não se tem amigos! Empregada? Como eles têm? Com o salário daqui? [risos] O que que é isso? Vagabundagem como eles gostam de dizer? Afinal, não somos todos trabalhadores? (Trabalhadora do setor de montagem. Nascida em Rosário do Sul, admitida em julho de 2008).

O relato da operária traz elementos para se pensar o *eles* e o *nós* inseridos em múltiplas e interpostas categorizações, podendo aí ser problematizadas muitas questões – envolvendo gênero, identidade operária, classe – e, dentre elas, a questão do pertencimento étnico nas relações de trabalho. Outras vezes, porém, quando se trata de falar do crescimento econômico do lugar, o comentário pode ser outro: é quando escuto que o “italiano é trabalhador, basta ver a riqueza desta região”. T., uma imigrante que veio de Rosário do Sul, na década de 80 (séc. XX), diz que

trabalho é coisa de “gringo”. Os “italianos” são muito mais trabalhadores do que nós. Lá na campanha, lá é só vagabundagem e pobreza. Aqui não, é trabalho direto. E se a gente quer melhorar tem mais é que aprender com eles, fazer como eles. Tu sabes, né, que o

chefe era bem pobre, acho até que mais pobre que nós, lá em Rosário e daí a prova. (Funcionária, natural de Rosário do Sul, mora em Farroupilha desde 1986).

As interações envolvendo sentimentos de pertencimento étnicos, observadas no ambiente fabril, revelam que as distinções que num certo contexto singularizam, gerando e multiplicando fronteiras, em outros momentos – em outra escala – deslocam esses limites, para englobar esses sujeitos sob a ideia de um pertencimento comum. São diferentes configurações que evidenciam as estratégias que constroem esse complexo cenário de relações sociais dentro e fora da organização fabril.

Considerações finais

O Nordeste do Rio Grande do Sul é considerado uma região de *cultura italiana* devido às origens da colonização desse território pelos imigrantes do Norte da península itálica, que vieram para cá a partir de 1875. Em meados do século XX, o processo de industrialização que aí ocorreu promoveu um intenso fluxo migratório entre sujeitos provenientes de outras regiões do estado, o qual veio reconfigurar as relações sociais no ambiente agora moderno e urbanizado. Nos dois fluxos migratórios, circulam sujeitos vivenciando suas próprias motivações, que respondem, em diferentes momentos e contextos históricos, pela reorganização da produção e dos mercados do capitalismo mundial. A anterioridade, a noção de uma origem comum que carrega valores e comportamentos responsáveis pelo crescimento econômico do lugar, são elementos que se articulam na composição das relações de poder entre os sujeitos dos distintos fluxos migratórios, organizando essa coletividade em estabelecidos e *outsiders*, em *italianos* e *brasileiros*.

Neste artigo, procurei evidenciar outro fator importante para a etnicidade das relações entre os sujeitos em interação na cidade de Farroupilha, observado a partir de uma etnografia no mundo do trabalho, entre os trabalhadores no cotidiano de uma fábrica de calçados. Os níveis hierárquicos e de *status* dos funcionários interpostos à aquisição de habilidades e sensibilidades adequadas ao trabalho na organização fabril presumem um tempo de aprendizado. Dessa forma, os recém-chegados encontram-se ocupando postos mais simples da fábrica, enquanto os trabalhadores mais antigos exercem tarefas mais complexas, ocupando níveis

hierárquicos mais altos. Atentando às dinâmicas que compuseram a mão de obra fabril em Farroupilha, concluo que os descendentes de imigrantes italianos, nascidos na região, estão há mais tempo expostos ao universo fabril e, portanto, mais inseridos nas redes de reconhecimento do trabalho e mais habilitados à execução de tarefas exigidas na fábrica, realçando a distinção do grupo estabelecido diante dos recém-chegados.

As identidades expressas nos relatos e observadas nas relações entre os trabalhadores evidenciam que, além de serem construídas na interação com o *outro*, carregam junto um componente ideológico. Ser italiano, dessa forma, transforma-se em fator distintivo, que é aproveitado e introduzido na gerência da organização. Partindo do pressuposto de que a assimilação das regras e normas da organização é mediada pela cultura local, é importante considerar que a *italianidade*, aqui considerada como um conjunto de valores e comportamentos que informa os sujeitos sobre seus atributos e papéis sociais, fundamenta sentidos e fornece princípios de classificação e esquemas de interpretação que se interpenetram nos recursos elaborados pelas estratégias de gestão organizacional. Assim, valores compreendidos como importantes pela comunidade, como o impulso ao trabalho e a capacidade de empreender, permitem reflexões sobre modos de vida que versam acerca de noções correntes relativas ao *bom trabalhador*.

A etnicidade, de maneira relevante como aparece entre os trabalhadores na cidade de Farroupilha, não é mero rótulo neutro. Como lembra Cohen (1974), são nomações que mobilizam sentimentos e emoções. O acionamento da etnicidade, que identifica e diferencia sujeitos, nesse contexto, também age como uma arma política no sentido de reproduzir as relações de dominação. Na organização fabril, que aparentemente se pauta por uma racionalidade, é possível identificar as valorações étnicas que permeiam as práticas dos administradores, evidenciando que as noções étnicas observadas fora da empresa estão presentes nas relações de trabalho, como parte da organização, servindo a relações desiguais de poder dentro e fora da empresa.

Dessa forma, a diferença é também concebida como desigualdade. Se se conceber a etnicidade como categoria, isso implica desnaturalizá-la, contextualizá-la e questioná-la no vínculo da agenda política ao qual se encontra atrelada no momento. Parece-me oportuno, então, lembrar que a riqueza produzida na região não acontece pela ação exclusiva de descendentes de italianos. O trabalho de milhares de operários e operárias que sustentam os grandes empreendimentos encontra-se silenciado pelo discurso étnico

difundido entre os moradores do lugar. A evocação de um *ethos* do trabalho, como inerente à italianidade, diante da falta dessa característica entre os *brasileiros*, não estaria excluindo uma percepção aí presente, que é a da relação empreendedores-*italianos*/patrões e operários “de fora”? Até onde esse discurso que coloca em estatuto de superioridade aqueles que têm o impulso ao trabalho atrelado à sua origem não estaria direcionando operários a se inserirem em um ritmo fabril?

Atenta à ideia de que as noções étnicas devem ser refletidas na interface da gramática da coletividade de significação, que legitima e dá significado a essas noções, procurei, através dos significados exteriorizados pelos trabalhadores de uma fábrica de calçados, compreender o universo de vivências e expressões culturais que está sendo negociado diante das estratégias construídas para a reprodução da força de trabalho nas especificidades do contexto abordado.

Notas

¹ O Município de Farroupilha é um dos 34 municípios constituintes da RCI do Nordeste do Rio Grande do Sul. Inicialmente integrante da Colônia Caxias, em 1934 veio a se emancipar como município. Hoje, conta com cerca de 70 mil habitantes, e sua economia é predominantemente industrial.

² Este fato é comum em toda a RCI no Nordeste do Rio Grande do Sul, como aparece nos estudos de Lazzarotto (1981) e Herédia (1997). Essa proletarização é primeiramente observada por Seiferth (1993, p. 37) entre descendentes de imigrantes alemães em Santa Catarina. A autora aponta o aparecimento dos colonos com dupla ocupação: os “colonos-operários”, os quais combinam a sua condição de agricultor com um emprego urbano, em geral, na indústria que, nesse contexto, se encontrava em expansão.

³ A partir da valoração da indústria, atribui-se valoração ao trabalhador, ou seja, dependendo da indústria em que ele se insere e da situação que ele ocupa dentro da unidade, ele terá uma posição demarcada como trabalhador. Assim, é do senso comum que os sujeitos envolvidos no ramo calçadista sejam vistos como trabalhadores com pouca qualificação, profissionais de menor valor. Frequentemente, se ouve que a mão de obra calçadista é uma “mão de obra burra”. Os trabalhadores da indústria metalúrgica, diante dos trabalhadores no setor de calçado vangloriam-se dizendo que o trabalho deles é “moleza” e que ganham mais. Também é possível observar que os jovens não tomam o trabalho na fábrica

de calçados como uma profissão para seguir no futuro e referem que permanecerão nesse ramo até conseguirem qualificação para se colocar na metalurgia ou, quem sabe, fazer um curso superior e deixar o trabalho no setor de calçados.

⁴ Schneider (1996) observa um processo muito semelhante na formação da mão de obra da indústria do calçado na região do Vale do Rio dos Sinos e denomina esses trabalhadores de “operários antigos”.

⁵ Esse depoimento lembra a observação de Weber (2004) sobre a correlação existente entre etnicidade e emprego, pois a etnicidade das categorias profissionais garante a colocação da força de trabalho diferenciadamente por seu próprio grupo social. Os cargos no serviço público oferecidos nos bairros operários de Farroupilha são ocupados por profissionais “de fora”. Os professores das escolas municipais, assim como médicos, enfermeiros e agentes de saúde que eu conheci, todos eram migrantes recentes. O diretor do Planejamento de Saúde da Família, sobre esse dado, me informou que “para os nossos temos o hospital e os consultórios particulares”. A etnicidade é acionada de maneira a escamotear as relações de poder implícitas nas interações, como, por exemplo, a exclusão do grupo menos poderoso de cargos considerados mais importantes ou simbolicamente mais significativos.

⁶ As palavras foram grifadas por mim para salientar o que penso ser um reforço na ideia de inferioridade que subjaz ao discurso do supervisor em relação aos “de fora”.

Referências

- BARTH, Fredrick. Temáticas permanentes e emergentes na análise da etnicidade In: VERMELEUN & GOVERS (Org.). *Antropologia da etnicidade: para além de "Ethnic Groups and Boundaries"*. Lisboa: Fim de Século, 2003. p. 19-44.
- BORDIEU, Pierre. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas: Papirus, 2005.
- CAVEDON, Neusa R. *Pós-modernidade e etnografia nas organizações*. Santa Cruz do Sul: Ed. da Unisc, 2005.
- COHEN, Abner. Introdução: The Lesson of ethnicity. In: _____. *Urban ethnicity*. New York: Tavistock, 1974.
- CICOUREL, A. Teoria e método em pesquisa de campo. In: GUIMARÃES, Alba Zaluar (Org.). *Desvendando máscaras*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990. p. 87-121.
- DELGADO Ruiz, Manuel. Quién puede ser "inmigrante" en la ciudad? In: _____. *Exclusión social y diversidad cultural*. Donostia: Tercera Prensa, 2003. p. 9-24.
- DURÃO, Susana. *Patrulha e proximidade: uma etnografia da polícia em Lisboa*: Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa – Departamento de Antropologia, 2006.
- DYCK, N.; ARCHETTI, E. *Sport, dance and embodied identities: contributors*. New York: Pyblication Year, 2003.
- ELIAS, Norbert. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2000.
- HALL, Stuart. *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2003.
- GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 2005.
- HERÉDIA, Vania B. M. *Processo de industrialização da zona colonial italiana*. Caxias do Sul: Educs, 1997.
- _____. Novos contextos urbano-industriais. Disponível em: <<http://hermes.ucs.br/cchc/deso/vbmhered/novoscontextosurbanoindustriais.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2011.
- JOUNIN, Nicolas. L'ethnisation en chantiers: reconstructions des statuts par l'ethnique en milieu de travail. *Revue Européenne des Migrations Internationales*, v. 20, n. 3, p. 103-126, 2004.
- LAZZAROTTO, Valentim. *Pobres construtores de riqueza*. Caxias do Sul: Educs, 1981.
- LOMNITZ, Larissa Adler de. *Cómo sobrevivem los marginados*. México: Siglo Veintiuno, 2006.
- _____. *Redes sociais, cultura e poder*. Rio de Janeiro: E-papers, 2009.
- KANAAN, Beatriz R. As italianidades: um estudo dos diferentes modos de representação de pertencimento entre descendentes de imigrantes italianos na Serra Gaúcha. In: MARTINS, Ismênia; HECKER, Alexandre (Org.). *Emigrações, histórias, culturas e trajetórias*. São Paulo: Expressão e Arte, 2010. p. 151-160.
- _____. Migrantes em terra de migrantes: um olhar antropológico sobre jogos identitários na região industrializada de Farroupilha/RS. In: HERÉDIA, Vania; MOCELLIN, Maria Clara; GONÇALVES, Maria do Carmo (Org.) *Mobilidade humana e dinâmicas migratórias*. Porto Alegre: Letra e Vida, 2011. p. 93-104.

- LOPES, José Sérgio Leite (Coord.). *Cultura e identidade operária: aspectos da cultura da classe trabalhadora*. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ; Marco Zero, 1987.
- MOCELLIN, Maria Clara. *Trajatórias em rede: representações da italianidade entre empresários e intelectuais da região de Caxias do Sul*. 2008. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Campinas, Programa de Pós-Graduação, Campinas, 2008.
- OLIVEIRA, Roberto C. de. *Identidade, etnia e estrutura social*. São Paulo: Pioneira, 1976.
- ORTIZ, S. Work, the division of labour and co-operation. In: INGOLD, T. (Org.). *Companion encyclopedia of anthropology*. London: Routledge, 2002. p. 891-910.
- POUTIGNAT, P.; STREIFF-FENART, J. *Teorias da etnicidade*. São Paulo: Edunesp, 1998.
- ROBERTS, G. Embodying labor: work as fieldwork. *Anthropology of Work Review*, v. XXIX, n. 3. Disponível em: <<http://www.aaanet.org/sections/saw/news.htm>>. Acesso em: 20 out. 2009.
- SANTOS, Miriam de Oliveira. *Bendito é o fruto: Festa da Uva e identidade entre os descendentes de imigrantes italianos de Caxias do Sul-RS*. Rio de Janeiro, 2004. 314 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, Rio de Janeiro, 2004.
- SCHNEIDER, Sergio. Os colonos da indústria calçadista: expansão industrial e as transformações da agricultura familiar no Rio Grande do Sul. *Revista Ensaios FEE*, Porto Alegre, v. 17, n. 1, p. 298-323, 1996.
- SEYFERTH, Giralda. Imigração, colonização e identidade étnica. *Revista de Antropologia*, São Paulo: USP, v. 29, 1986.
- _____. Identidade camponesa e identidade étnica (um estudo de caso). *Anuário Antropológico 91*, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993.
- _____. Identidade étnica, assimilação e cidadania: a imigração alemã e o Estado brasileiro. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n. 26, ano 9, p. 103-122, 1994.
- ZANINI, M. C. C. *Italianidade no Brasil meridional: a construção da identidade étnica na região de Santa Maria-RS*. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2006.
- _____. Um olhar antropológico sobre fatos e memórias da imigração italiana. *Mana* [online]. 2007, v. 13, n.2, p. 521-547. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo>>. Acesso em: 2 mar. 2009.
- WEBER, Max. *Ética protestante e o "espírito" do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- WRIGHT, Susan. *Anthropology of organizations*. London: Routledge, 1997.

